

---

---

## *"Caranguejo tem língua?": um glossário do caranguejo no Maranhão*

Luciana Araújo MOREIRA \*

**Resumo:** Trabalho linguístico, pautado nas disciplinas que estudam o léxico, especificamente a lexicografia e a terminologia. Enfoca a língua de especialidade utilizada por catadores e vendedores de caranguejo, contemplando três campos semânticos: coleta, processamento e comercialização do caranguejo – em duas localidades do Maranhão: São Luís e Araiões.

**Palavras-chave:** Terminologia; Glossário do Caranguejo; Maranhão.

**Abstract:** Linguistic work, based on the disciplines that study the lexicon, specifically lexicography and terminology. It focuses on the language of expertise used by collectors and sellers of crab, including three semantic fields – searching, processing and marketing of the crab – in two localities of Maranhão State: São Luís and Araiões.

**Keywords:** Terminology; Crab's glossary; Maranhão.

### **Introdução**

A língua, de qualquer que seja o lugar, não existiria sem que houvesse falantes que, conjuntamente, a criassem e praticassem. É

---

\* Graduada em Letras (2008), é membro da equipe do Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Contato: luciana\_am@yahoo.com.br.

na interação entre sujeitos que uma língua se constitui e encontra sua realidade concreta. Como uma atividade social, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 1992, p.124).

Nessa perspectiva, a língua sofre mudanças que refletem as variações sociais, históricas e culturais da comunidade que a fala. Vale ressaltar que as peculiaridades culturais e sociais não são exclusivas de espaços longínquos, as variedades lingüístico-culturais também se evidenciam em um mesmo país, uma vez que resultam da diversidade espacial, social, cultural e econômica presentes nos diferentes espaços e grupos sociais.

No Brasil, a realidade lingüístico-cultural é diversa, porque diversa é a própria história do país. Nos Estados, cada grupo social apresenta características próprias no falar, na maneira de se comportar e de se relacionar com os outros.

Considerando essa realidade, este trabalho, desenvolvido no âmbito do Atlas Lingüístico do Maranhão/Projeto ALiMA, e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão/FAPEMA, por meio de uma bolsa de iniciação científica entre os anos de 2006 e 2008, objetivou estudar o universo lexical do caranguejo no Estado, mais especificamente na ilha de São Luís e no município de Araióses, com o propósito de fotografar, por meio de um glossário, a linguagem específica de catadores e vendedores de caranguejo das localidades supracitadas.

### **1 O que é mesmo um glossário?**

Os estudos em lexicografia são reconhecidos há longos séculos e suas contribuições para os estudos lingüísticos têm sido bastante significativas. Dentro dos estudos lexicográficos, as contribuições de estudiosos como Bluteau, Moraes, Jerônimo Castillo, Krieger e Finatto têm sido bastante relevantes para que o conhecimento mais apurado de uma língua esteja disponibilizado em dicionários impressos e, mais recentemente, em dicionários on-line, para pessoas que dela fazem uso.

Embora nos detenhamos em falar, neste tópico, sobre glossário, vale ressaltar que os primeiros estudos lexicográficos se centraram no amplo léxico de uma língua, ou seja, na própria língua geral. Devido ao avanço das tecnologias e à ênfase dada ao uso de termos técnico-científicos – nas mais diversas áreas do conhecimento –, as produções lexicográficas especializadas foram ganhando espaço nos estudos linguísticos, com o propósito primeiro de não só informar um grupo específico, mas, sobretudo de diminuir as fronteiras linguísticas e semânticas de termos de uma área do conhecimento humano. Desta forma, a linguagem utilizada na informática, na biologia, na química e na física, por exemplo, ficaram conhecidas em diversos lugares do mundo.

Convém, pois, ressaltar que muitas são as acepções atribuídas ao termo “glossário”. Dentre elas, destacamos: i) lugar onde se dá conceito de várias palavras; ii) palavras e expressões comumente utilizadas por um grupo de pessoas e iii) repertório de termos de uma determinada área do conhecimento humano.

Segundo o dicionário interativo *Babylon*,<sup>1</sup> o termo glossário tem sua origem no latim (*glossariū*) e pode ser compreendida como: 1) vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura; elucidário; 2) dicionário de termos técnicos, científicos e poéticos e 3) vocabulário que figura como apêndice a uma obra, principalmente para elucidação de palavras e expressões regionais ou pouco usadas.

No âmbito dos estudos lexicográficos, alguns estudiosos consideram o *glossário* como um vocabulário, por abarcar apenas uma pequena parcela do amplo acervo linguístico de uma língua. Para efeito deste estudo e tendo em vista nossa proposta, compreendemos *glossário* como um dicionário específico que contempla os termos referentes a uma atividade desenvolvida por um grupo de pessoas.

---

<sup>1</sup> Disponível para download em <<http://dicionario.babylon.com/>>.

Independentemente das várias discussões acerca de qual a melhor definição a ser dada a *glossário*, um fato deve ser considerado: a produção de glossários difere da produção de dicionários de uma língua geral. Primeiro, porque a quantidade de palavras contidas em um glossário é significativamente menor que a quantidade de palavras contidas em um dicionário geral; segundo, porque o glossário é destinado a um grupo específico de falantes de uma língua, na maioria dos casos; e terceiro, porque o glossário, em sua sistematização e análise, apresenta menos informação que um dicionário de uma língua geral.

Nessa perspectiva, para que um lexicógrafo elabore um glossário de maneira satisfatória é preciso que ele saiba “[...] distinguir, primeiro, as peculiaridades de um dicionário terminológico diante das especificidades e objetivos de dicionários gerais ou comuns da língua... do mesmo modo, é fundamental ter consciência de que se está em meio a uma situação comunicativa particularizada” (KRIEGER; FINATTO, 2005, p. 127). Elaborar um glossário é fotografar uma língua de especialidade, é registrar e disponibilizar a linguagem particular de uma área do saber à sociedade.

Tal é sua complexidade que se faz necessário caracterizar, previamente, a língua de especialidade que será enfocada em um repertório; determinar critérios que definam o conteúdo de um verbete; fixar o conjunto de unidades lexicais que farão parte do glossário, dentre outros procedimentos imprescindíveis para a constituição da obra.

O glossário da terminologia do caranguejo que elaboramos segue os padrões da produção terminográfica, e também trabalha numa perspectiva variacionista, ou seja, apresenta termos que sofreram variações de ordem diatópica. Porém, enfatizaremos neste artigo, como frisado anteriormente, alguns exemplos de termos que apresentam casos de variação linguística/terminológica.

## **2 *Caranguejo uçá, caranguejo uçá, pega ele na lama e bota no meu caçuaá: o glossário do caranguejo, no Maranhão***

O glossário da terminologia do caranguejo apresenta 114 termos, que englobam os seguintes campos semânticos: coleta, processamento e comercialização do caranguejo.

Os verbetes estão organizados em ordem alfabética e apresentam a seguinte microestrutura: termo-entrada; informação de natureza diatópica; variante(s); referências gramaticais; definição; contexto (em alguns casos); nota(s) e remissivas.

O termo-entrada, como unidade terminológica, não pode ser percebido isoladamente: ele se insere em um conjunto de significados relacionados a um mesmo domínio especializado.

As informações de natureza diatópica, apresentadas entre parênteses simples, sinalizam a(s) localidade(s) em que o termo é usado. As variantes constituem o campo destinado ao registro das variações terminológicas, tanto lexicais como ortográficas. A variante lexical ocorre em dois casos: (i) quando algum item da estrutura lexical do termo composto foi apagado, mas seu conceito não sofreu alteração, como em *caranguejo de casco novo / caranguejo novo*, e (ii) quando há diferentes significantes que possuem o mesmo significado. A variante ortográfica objetiva registrar a forma padrão do termo. Neste caso, não há informação de natureza diatópica.

As referências gramaticais remetem a informações concernentes à classe gramatical à qual o termo-entrada pertence. O glossário apresenta muitos substantivos e verbos e vários sintagmas terminológicos, tanto nominais como verbais.

As definições, baseadas preferencialmente em contextos definitórios, representam o conteúdo nocional, ou seja, o significado que é dado a cada termo-entrada. Contudo, na impossibilidade de lançar mão de tais contextos, consultamos literatura especializada sobre o caranguejo.

Os contextos, apresentados entre colchetes, representam trechos da fala das pessoas entrevistadas em que há referência ao termo-entrada. Por meio dos contextos, o leitor consegue perceber como o termo-entrada é empregado no discurso de cada pessoa envolvida com a atividade abordada. Convém destacar que optamos

por conservar as marcas de oralidade presentes na fala dos informantes, razão pela qual transcrevemos grafematicamente essa fala.

As notas comportam informações de natureza linguística e/ou enciclopédica que ajudam o leitor a compreender melhor a visão de mundo que engloba o universo terminológico do caranguejo. O maior número de notas é de natureza enciclopédica.

As remissivas têm a função de remeter o leitor para um novo item. Há casos em que na própria definição do termo-entrada está contido outro termo-entrada. Esse fenômeno geralmente induz o leitor a buscar, no próprio glossário, esse novo termo desconhecido. Para indicar a remissiva, usamos o vocábulo *Ver.* É importante ressaltar que a cada remissiva há um novo termo a ser definido.

A título de ilustração, apresentamos um exemplo de um verbete.

*Cambada* (SL/ARA) – s. f.

Var. corda (SL/ARA), penca (SL) – s. f.

Conjunto formado, normalmente, por três caranguejos amarrados com embira ou fio de nylon. [Eles ((os cofos)) cabe cem caranguejo, às veze. São trinta cambada,são trinta e treis ((que cabem em um cofo))].

Nota: Quando os caranguejos são pequenos, a cambada é composta por quatro caranguejos.

Ver *imbira*

ABREVIATURAS	SINAIS GRÁFICOS
adj. – adjetivo	// interrupção do contexto
ARA – Araioses	[] contexto
f. – feminino	() informação de natureza diatópica
m. – masculino	(( )) acréscimo de informação.
s. – substantivo	
sin. nom. – sintagma nominal	
sin. verb. – sintagma verbal	
SL – São Luís	
Var. – variante	
v.t. – verbo transitivo	

**Quadro 1** – Abreviaturas e sinais gráficos utilizados

### 3 Glossário da terminologia do caranguejo

*Alasar* (ARA) – v. t.

Var. brincadeira do caranguejo (SL/ARA) – sin. nom. f.

Juntar-se ((macho e fêmea)) para procriar. [Incima do carnaval, no mês de fevereiro // ele sai pa brincá do mangal afora. Ele sai de dento do buraco pa se alasá cum as fêmea].

Nota: No período do acasalamento, que geralmente coincide com a época do carnaval, a extração e a venda do caranguejo são proibidas.

*Alicate* (SL) – s. m.

Var. pata (SL/ARA) – s. f.

Presas do caranguejo.

*Amarrada* – s. f.

Conjunto formado por dez cambadas de caranguejo. [Quando a água já tá querendo fervê a gente coloca as amarrada de caranguejo dento].

Ver *cambada*

*Andada* (SL/ARA) – s. f.

Var. saição (ARA) – s. f.

Época em que os caranguejos saem dos buracos e caminham pelo manguezal, para acasalar. Essa época corresponde ao período de defeso do caranguejo.

Ver *defeso*

*Apicum* (SL) – s. m.

Lugar lamacento onde comumente é encontrado mangue vermelho.

Nota: É o lugar onde mais se encontram caranguejos.

Ver *mangue vermelho*

*Aratum*<sup>1</sup> (ARA) – s. m.

Caranguejo não comestível, de aproximadamente três centímetros de comprimento, de coloração acinzentada, que fica à beira do mangue ou do mar.

*Aratum*<sup>2</sup> (SL) – s. m.

Var. aristém (SL) – s. m.; chama-maré (SL) – sin. nom. m.; gauçá (ARA) – s. m.; graoçá (ARA) – s. m.; grauçá – s. m.

Espécie de caranguejo pequeno, com aproximadamente três centímetros de comprimento, de coloração branca, que corre na beira do mar e que é usado como isca para pesca.

*Banha* (SL) – s. f.

Var. gordura (SL/ARA) – s. f.

Espécie de pasta amarela comestível encontrada próximo do peito do caranguejo.

Ver *peito*

*Bidongo* (ARA) – s. m.

Centro da pata do caranguejo que tem, em média, um centímetro e meio de comprimento.

Ver *pata*

*Bracera* (SL/ARA) – s. f.

Var. manga (SL) – s. f.; luva (SL/ARA) – s. f.; meião (SL) – s. m.

Proteção para o braço, que vai do pulso ao ombro, feita de pano grosso, utilizada pelos catadores de caranguejo durante a captura do crustáceo, no mangue. [aí já vem ar manga que a gente faiz que já vem c'aqueles buraco que fico até aqui nas juntinha, aí eles colocam aqui ((no braço))].

*Buraco* (SL/ARA) – s. m.

Var. toca (SL) – s. f.

Local onde os caranguejos ficam escondidos, com profundidade que varia entre oitenta centímetros e um metro e setenta centímetros. [Eles cavo o buraco, que até às vezes ele coloca o braço, né, num alcança e tem que sê com... cambito].

Nota: Em São Luís, a variante toca foi registrada apenas em Porto de Mocajituba, povoado onde a Universidade Federal do Maranhão desenvolve um projeto de pesquisa com catadores de caranguejo.



---

---

Segundo os catadores, essa variante é usada por eles apenas quando estão trabalhando com os pesquisadores da UFMA.

Ver *cambito*

*Cacetinbo* (ARA) – s. m.

Pedaço de madeira de aproximadamente quinze centímetros de comprimento, que serve para quebrar a carapaça do caranguejo. [O instrumento que a gente usa é uns cacetinbo assim, uns cacete, aí a gente quebra bem na juntinha aí puxa... sai agora as patinha / a gente quebra bem nas juntinha aí sai a casca].

*Calão* (ARA) – s. m.

Pedaço de tronco de mangue, cujo comprimento varia entre um metro e um metro e vinte centímetros, que serve para transportar as cordas de caranguejo. [Digamos: se eles pegarem vinte e seis cordas, eles dividem treze pum lado e treze pro odo. Aí eles pegam um pedaço de pau assim, que chamam de calão e eles amarram treze aqui, treze aqui, né? coloca no ombro, aí sai por cima de raiz, é caíndo, é levantando, té chegã na berada do mangue].

Ver *corda*

*Cambada* (SL/ARA) – s. f.

Var. *corda* (SL/ARA); *penca* (SL) – s. f.

Conjunto formado, normalmente, por três caranguejos amarrados com embira ou fio de nylon. [Eles ((os cofos)) cabe cem caranguejo, às veze. São trinta cambada, são trinta e treis ((que cabem em um cofo))].

Nota: Quando os caranguejos são pequenos, a cambada é composta por quatro caranguejos.

Ver *imbira*

*Cambito* (ARA) – s. m.

Var. *gancho* (SL/ARA) – s. m.

Vergalhão de ferro de aproximadamente setenta centímetros de comprimento, que tem uma de suas extremidades dobrada em forma de gancho e que serve para puxar o caranguejo que está em

um buraco mais profundo. [Se por acaso chegou lá no fim e ele não encontrô o caranguejo porque o buraco ainda é mais fundo, aí eles trazem o cambito, mete o cambito aí vem puxando o caranguejo té fora do buraco].

Ver *buraco*

*Caranguejeiro* (SL/ARA) – s. m.

Var. catador de caranguejo (SL/ARA) – sin. nom. m.

Pessoa que tira o caranguejo do mangue.

*Caranguejinho* (SL/ARA) – s. m.

Var. caranguejo pequeno (SL/ARA) – sin. nom. m.

Filhote de caranguejo.

*Caranguejo canhoto*<sup>1</sup> (ARA) – sin. nom. m.

Caranguejo que tem uma pata grande e outra pequena.

Ver *pata*

*Caranguejo canhoto*<sup>2</sup> (SL) – sin. nom. m.

Var. caranguejo de presa seca (SL) – sin. nom. m.; caranguejo da pata igual (ARA)

– sin. nom. m.

Caranguejo que tem as patas finas e do mesmo tamanho.

Ver *pata*

*Caranguejo de casco mole* (SL/ARA) – sin. nom. m.

Caranguejo em fase de mudança da carapaça. [Cai aquele casco velho, aí vem o novo, aí quando ele rá tá com o casquinho mei duro ele começa a saí do buraco de novo, mais aí ele fica de casquinho mole, que a gente bate assim o dedo, fica molinho!].

Ver *carapaça*

*Caranguejo de casco novo* (SL/ARA) – sin. nom. m.

Var. caranguejo novo (SL/ARA) – sin. nom. m.

Caranguejo que mudou a carapaça. [Mês de... primeiro pra se ficá novo é... foi setembo, é. // Eles vão se iscondê pa trocá o casco.

Fica bem molim. Às veze a gente pega ele só a papa mesmo; é...  
dento do buraco fica tudo molinho]

Ver *carapaça*

*Caranguejo encascado* (SL) – sin. nom. m.

Caranguejo que já sofreu o processo da ecdise, isto é, a mudança periódica da carapaça.

*Caranguejo patudo* (SL) – sin. nom. m.

Caranguejo que tem a pata grossa.

Ver *pata*

*Caranguejo velho* (SL/ARA) – sin. nom. m.

Var. caranguejo de casco velho (SL/ARA) – sin. nom. m.

Caranguejo que está bem desenvolvido e com carapaça resistente. [Quando a gente diz assim: “ói, o caranguejo tá velho. Cê pode cumê ele tranquilo. Tá gordo, gostoso, casco duro, precisa CE batê cum uma coisa em cima pa pudê quebrá a casca].

Ver *carapaça*

*Casco* (SL/ARA) – s. m.

Var. carapaça (SL) – s. f.; casca (ARA) – s. f.

Revestimento quitinoso que protege o corpo do caranguejo. [No momento... nesse período agora ele tá com o casquinho mole, que ele troca de casco].

Nota: a quitina é uma substância natural encontrada nas carapaças dos crustáceos e no exoesqueleto dos insetos.

*Catadera de caranguejo* (ARA) – sin. nom. f.

Var. catadora de caranguejo (SL/ARA) – sin. nom. f.; trabalhadeira de caranguejo

(ARA) – sin. nom. f.

Pessoa responsável pela extração do filé do caranguejo.

Nota: Esta é uma atividade essencialmente desenvolvida por mulheres.

Ver *filé*

*Catar caranguejo*<sup>1</sup> (SL/ARA) – sin. verb.

Separar os caranguejos mortos dos caranguejos vivos tirados do mangue. [Na manhã seguinte cê cata os caranguejo morto].

*Catar caranguejo*<sup>2</sup> (SL/ARA) – sin. verb.

Var. arrancar caranguejo (ARA) – sin. verb.; pegar caranguejo (SL/ARA) – sin. verb.; tirar caranguejo (SL/ARA) – sin. verb.

Capturar os caranguejos no mangue.

*Cavadô* (ARA) – s. m.

Var. cavador – s. m. ; chacho (SL) – s. m.

Peça de ferro de aproximadamente trinta centímetros de comprimento. Assemelha-se a um facão e serve para ampliar a abertura do buraco onde está o caranguejo e para cortar pequenas plantas do mangue. [Tem deles ((catadores de caranguejo)) que abrem. Leva até cavadô também].

Ver *buraco*

*Condurua* (SL/ARA) – s. f.

Var. candurua (SL/ARA) – s. f.; carangueja (SL/ARA) – s. f.; carangueja-fêmea

(SL/ARA) – sin. nom. f.; conduru – s. f. ; conguru (SL/ARA) – s. f.

Fêmea do caranguejo.

*Corredera* (ARA) – s. f.

Var. guajá (SL) – s. m.; patona (SL) – s. f.

Espécie de caranguejo vermelho de aproximadamente sete centímetros de comprimento, que se assemelha ao siri.

*Dedera* (SL/ARA) – s. f.

Proteção para os dedos feita de pano grosso, utilizada durante a captura do caranguejo no mangue. [Você primero faiz as dedera, cê veste os dedo tudinho com as dedêra].

*Defeso* (SL/ARA) – s. m.

Período em que são proibidas a extração e a venda do caranguejo, uma vez que o crustáceo encontra-se no período de acasalamento, tornando-se, assim, presa fácil de capturar.

*Desova* (SL/ARA) – s. f.

Época em que as condurus têm seus filhotes

Ver *conduru*

*Disintupição* (SL) – s. f.

Var. distapação (SL/ARA) – s. f.; desentupimento – s. m.

Época em que os caranguejos saem dos buracos, após a mudança da carapaça.

Ver *buraco*; *carapaça*

*Disunerada* (SL) – adj. f.

Var. desonerada – adj. f.

Relativo ao estado da gordura do caranguejo, no período da muda, quando esta ainda não adquiriu a consistência normal. [O caranguejo do casco novo morre porque ele está fraco, não comeu; a gordura dele está dentro, mas está disunerada e ele tá com o casco todo molinho]

Ver *gordura*

*Ensacar carne* (ARA) – sin. verb.

Empacotar a carne e as patas do caranguejo previamente cozido. [A gente lava a carne bem lavadinha, insaca de quilo e põe no frize].

Ver *carne*

*Fel* (SL/ARA) – s. m.

Bolsa membranosa, de aproximadamente cinco centímetros de diâmetro, que contém um líquido amargo e escuro.

Nota: O fel fica junto da gordura do caranguejo.

Ver *gordura*

*Filé* (ARA) – s. m.

Var. carne (SL/ARA) – s. f.; polpa (SL) – s. f.

Carne do caranguejo encontrada nas patas maiores, nas unhas e no peito.

Ver *pata maior, unha, peito*

*Fumacero* (ARA) – s. m.

Var. fumacê (ARA) – s. m.; fumaceiro – s. m.

Depósito em que se colocam paus para serem queimados, a fim de gerar uma fumaça que serve para afastar os mosquitos da área onde os catadores de caranguejo estão trabalhando. É feito de metal e mede, em média, vinte centímetros de diâmetro. [Eles pegam o que... muito pauzim piqueno e coloco na... no fumacero e põe o fogo, né? Aí fica fumaçano... pa protegê dos musquito].

*Guerra* (SL) – s. f.

Var. guelra – s. f.

Estrutura reticulada que constitui o sistema de respiração do caranguejo e que se encontra alojada no peito do caranguejo. [É umas guerrazinha que ele tem ((o caranguejo)), tipo assim... uns fiapinho.].

Ver *peito*

*Imbigo* (SL/ARA) – s.m.

Var. umbigo – s. m.

Parte móvel que fica entre os peitos do caranguejo e que serve para alojar os ovos provenientes do cruzamento. No macho, a largura do umbigo chega a dois centímetros, enquanto que na fêmea chega a quase três centímetros e meio [O caranguejo, ele tem dois peitinho e no meio do peito aqui, aí vem o imbigo deles por cima.].

Ver *peito*

*Imbira* (ARA) – s. f.

Var. embira – s. f.

Espécie de corda feita com a palha da folha do olho da carnaubeira, usada para amarrar os caranguejos em cambada.

---

---

Nota: Além da embira, em São Luís, os catadores de caranguejo usam fio de nylon para amarrar os caranguejos.

Ver *cambada*

*Intupição* (SL) – s. f.

Var. entupimento – s. m.

Transporte de folhas, sementes, ramos e talos de mangue, feito pelo caranguejo, para o interior do buraco, dias antes de sofrer o processo de mudança de carapaça.

Ver *buraco*

*Mangue*<sup>1</sup> (SL/ARA) – s. m.

Var. lamaçal (SL) – s. m.; lameiro (SL) – s. m.; mangal (SL/ARA) – s. m.;

manguezal<sup>1</sup> (SL) – s. m.

Hábitat dos caranguejos.

*Mangue*<sup>2</sup> (SL/ARA) – s. m.

Designação comum a diversas árvores de pequeno ou médio porte com folhas ovais e raízes-escoras. São típicas de regiões costeiras lamacentas alcançadas pelas marés.

*Mangue branco* (SL/ARA) – sin. nom. m.

Var. tinteira (SL) – s. f.

Mangue de folhas grossas e frutos pequenos obovados, isto é, com formato semelhante ao do ovo. Suas folhas servem como alimento para os caranguejos.

*Mangue vermelho* (SL/ARA) – sin. nom. m.

Mangue com grossas raízes basais, casca adstringente e tanífera, usada para tingir tecidos. Seus frutos são obcônicos (isto é, têm a forma de um cone invertido), semelhantes à vagem de feijão, e suas folhas grandes servem como alimento para os caranguejos.

*Manguezal*<sup>1</sup> (SL) – s. m.

Hábitat dos caranguejos.

*Manguezal*<sup>2</sup> (SL) – s. m.  
Var. mangal (ARA) – s. m.  
Floresta de mangues.

*Maré de escuro* (SL) – sin. nom. f.  
Maré de lua nova.  
Nota: Nessa ocasião, os caranguejos saem dos buracos para andar no mangue.

*Passador* (ARA) – s. m.  
Var. atravessador (SL/ARA) – s. m.; patrão (SL) – s. m.  
Pessoa que compra grande quantidade de caranguejo para revenda.

*Pata maior* (SL/ARA) – sin. nom. f.  
Var. presa maior (SL/ARA) – sin. nom. f.  
Maior presa do caranguejo que tem formato de alicate.

*Pata menor* (SL/ARA) – sin. nom. f.  
Var. presa menor (SL/ARA) – sin. nom. f.  
Menor presa do caranguejo que tem formato de alicate.

*Paul* (SL) – s. m.  
Solo duro, seco, que facilita a movimentação dos catadores de caranguejo e onde comumente é encontrada a siriba.  
Ver *catador de caranguejo; siriba*

*Peito* (SL/ARA) – s. m.  
Parte inferior do caranguejo à qual se prendem as unhas e as patas e onde fica alojado o filé, que é tirado com a ponta de uma faca pequena ou com um garfo.  
Ver *filé; pata; unha*

*Riscar a imbirá* (ARA) – sin. verb.  
Var. riscar a embira (ARA) – sin. verb.  
Cortar, ao meio, a palha da folha do olho da carnaubeira, formando duas cordas finas que servem para amarrar os caranguejos.  
Ver *imbira*



*Siriba* (SL/ARA) – s. f.

Var. *siribera* (SL) – s. f. *siribeira* – s. f.

Mangue de folhas lanceoladas e finas e flores pequenas.

*Trocar de casco* – sin. verb.

Sofrer mudança de carapaça.

*Unha* (SL/ARA) – s. m.

Var. *dedo* (SL/ARA) – s. m.

Tentáculo fino do caranguejo que se assemelha a uma pinça.

*Unha menor* (SL/ARA) – s. f.

Var. *unhinha* (SL) – s. f.

Menor tentáculo do caranguejo.

### **Conclusão**

A proposta do glossário se pauta na ideia de facilitar a interação entre técnicos e pessoas que trabalham diretamente com extração e venda do caranguejo e de disponibilizar à sociedade uma das realidades linguístico-culturais do Maranhão. Por meio da realização deste trabalho, pudemos analisar e responder a questões que nos inquietaram e que deram respaldo para que buscássemos compreender o universo linguístico que envolve as atividades de extração e venda do caranguejo.

Uma das primeiras inquietações que surgiu, logo quando foi lançada a proposta de realizar um estudo terminológico sobre o universo do caranguejo, foi: “É possível encontrar variação linguística quando o assunto é terminologia?”. Com os dados que coletamos, pudemos perceber que variação linguística também existe em línguas de especialidade, daí a importância de os estudos linguísticos considerarem a socioterminologia – disciplina recente nos estudos do léxico – como disciplina que dá respaldo para que diversas discussões sobre variação no âmbito da terminologia sejam feitas, pois, como se sabe, durante décadas a terminologia era entendida como disciplina que contemplava a linguagem específica

de um campo do saber e que não vislumbrava a possibilidade da polissemia e da variação, nesse âmbito.

O conhecimento da existência da variação em terminologia nos foi revelada, inclusive, por um dos informantes que entrevistamos. Este, durante nossa conversa, disse: “A gente conhece isso aqui como buraco, mas o pessoal da universidade chama de toca”, fazendo referência ao local onde o caranguejo se esconde no mangue.

Diante disso, é importante o reconhecimento, por parte do vendedor de caranguejo, da existência dessa variação, porém, acreditamos que um técnico precisa conhecer e, mais que isso, aproximar-se dos termos que contemplam o universo do caranguejo. Indubitavelmente, a pesquisa que um técnico venha a fazer numa comunidade de catadores e vendedores de caranguejo será muito mais proveitosa se ele conhecer a linguagem utilizada por vendedores e catadores de caranguejo em ambiente de trabalho.

### Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos. In: PAIS, Cidmar Teodoro; BARBOSA, Maria Aparecida; PONTES, Eunice; RECTOS, Mônica; WITTER, Geraldina Porto; HEYE, Jurgen; NEIVA JR., Eduardo. **Manual de Lingüística**. São Paulo: Global, 1986, p. 81-125.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. Campinas: Pontes, 1989, v. 2.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. v. 2. p. 131-144.

---

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolingüística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. v. 1. p. 91-100.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

MURAKAWA, Clotilde Azevedo de Almeida. Definições lexicográficas de plantas em obra portuguesa do século XVI. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. v. 2. p. 167-174.

SAPIR, Edward. **Lingüística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994.

\_\_\_\_\_. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra: Almedina, 2002.